

A MILITÂNCIA PRÓ E CONTRA A PEC 193/2016 EM GRUPOS LIBERAIS E CONSERVADORES: HÁ COERÊNCIA?

MURILO PAIOTTI DIAS¹; LEO PEIXOTO RODRIGUES² (Orientador)

¹Universidade Federal de Pelotas – murilopaiotti@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leo.peixotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende explorar debates travados em alguns dos maiores grupos nacionais liberais e conservadores internos à rede social *Facebook*. Os debates que aqui serão tratados dizem respeito ao programa Escola Sem Partido e à Proposta de Emenda Constitucional 193/2016 (a PEC do Escola Sem Partido).

Tendo como ponto de partida que o projeto Escola Sem Partido propõe a tolerância e a pluralidade de ideias em sala de aula, e que o projeto é demasiadamente apoiado por partidos e movimentos que se declaram de direita, o que se pretende é questionar se os membros dos grupos selecionados exercem coerentemente sua militância à favor do projeto, ou seja, se são tolerantes e abrem espaço para a pluralidade de ideias nos debates *onlines* que travam internamente aos grupos.

Para tanto, será proporcionado um olhar teórico desenvolvido a partir do trabalho de autores das áreas de filosofia digital, sociologia digital, filosofia política, ciência política e psicanálise.

O trabalho propõe utilizar de conceitos próprios da psicanálise, que servirão de embasamento teórico para explorar o tema da intolerância, da Teoria do Discurso (TD) trabalhados por Chantal Mouffe, que servirão de embasamento teórico para pensar a pluralidade, ou não, de ideias nos debates, e de conceitos próprios da sociologia digital de Pierre Lévy e Manuel Castells, dentre outros autores da sociologia digital, que servirão de embasamento teórico para pensar o contexto digital o qual este trabalho contempla; o arcabouço teórico fundamenta-se todo para compreender como grupos liberais e conservadores de *Facebook* debatem a questão do programa Escola Sem Partido e se demandam, ou não, o Projeto de Emenda Constitucional 193/2016 (a PEC do Escola Sem Partido) através de ágoras

virtuais que funcionam ou como canais agonísticos e democráticos, ou como canais antagonísticos (MOUFFE, 2013) e intolerantes.

O objetivo é investigar parte importante do ciberativismo de direita em suas práticas articulatórias influentes em um tema importante como o do projeto Escola Sem Partido.

2. METODOLOGIA

Para poder explorar os debates internos aos grupos estudados, foram selecionadas, num período de seis meses (julho de 2016 até dezembro de 2016) as postagens internas aos grupos liberais e conservadores que levantassem discussões concernentes aos temas do projeto Escola Sem Partido e da PEC 193/2016. Assim, tanto o acompanhamento parcial dos debates por parte do autor, quanto o mecanismo de busca que há internamente às páginas dos grupos, foram úteis para recolher o material empírico que está na forma de postagens.

A metodologia utilizada para a realização do trabalho conta com aspectos qualitativos e quantitativos. Para interpretar se há a pluralidade de ideias e tolerância nos debates travados, será imprescindível a realização do método netnográfico. Um etnografia *online*. Esta dimensão mais qualitativa do trabalho contará com um olhar que selecione os textos internos às postagens, produzidos pelos próprios membros dos grupos, e que são relevantes para pensar a pluralidade de ideias e a intolerância com que os membros militam.

Para compreender quantitativamente o suporte militante que os membros dão a textos democráticos ou intolerantes com posicionamentos agonísticos, serão quantificadas as “curtidas” que suportam, ou não, o ativismo de alguns membros.

A “curtida”, em suas diferentes formas (“haha”, “grr”, “amei”, “uau”, “curtir”), objetivam quantitativamente reações subjetivas qualitativamente. Assim, mesmo depois de pensada numericamente certas dimensões fundamentais das postagens, o método netnográfico ainda se fará útil para o discernimento do ativismo nas reações subjetivas objetivadas. As “curtidas” que se apresentarem ambíguas ou duvidosas para uma interpretação netnográfica serão desconsideradas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho é parte de uma dissertação ainda em desenvolvimento. Por ora, não foram recolhidas todas as postagens dos onze maiores grupos liberais e conservadores que importam para a dissertação. Portanto, ainda não se tem claro quantos dos grupos serão contemplados para este trabalho.

Alguns grupos já tiveram suas postagens exploradas pelo autor deste trabalho, e o que pode ser considerado como resultado, até o momento, é que grupos liberais tendem a travar os debates de forma mais tolerante e agonística do que grupos conservadores, que se apresentam, em diversos momentos, em uma relação de amigo e inimigo com aqueles que demandam a não aprovação da PEC 193/2016

Em grupos liberais, há uma certa demanda para a não aprovação da PEC do Escola Sem Partido. Há um grupo liberal que apoia majoritariamente a não aprovação. Porém, em alguns outros grupos liberais, a demanda pela aprovação é majoritária.

A PEC 193/2016 vem sendo uma pauta importante em movimentos, mídias e partidos mais ligados à direita. Como exemplo, o Movimento Brasil Livre (MBL), organiza-se ativamente à favor do programa Escola Sem Partido, acusando uma prática doutrinária de esquerda nas escolas de ensino básico ao superior. Assim, este trabalho pretende acrescentar a um debate ainda muito em voga.

4. CONCLUSÕES

Até o momento, as investigações que concernem ao trabalho puderam concluir que membros de grupos liberais tendem a ter uma inclinação muito mais adequada ao jogo democrático do que os membros de grupos conservadores, que, muitas das vezes, são hostis em seus ativismos políticos e acabam entrando em relações antagônicas.

Assim, não há coerência em parte do ativismo estudado, especialmente do ativismo interno aos grupos conservadores aqui contemplados, ao demandar um programa que poderia ser encara como agonístico, de forma antagonística. Se o Escola Sem Partido prevê que a pluralidade de ideias é um aspecto positivo, para que não haja falsidade de valores, hipocrisia, a militância que demanda tal projeto não deve se portar de forma antagônica com outros posicionamentos agônicos.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA



MOUFFE, C. **Agonistics**: thinking the world politically. United States of America: Verso Books, 2013.